

15-04-2019

## Pisar na grama

**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Professor da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Quando estudava psicanálise com Suely Rolnik - PUC-SP, deliberadamente solta e estabana, contudo organizada nos fundamentos teóricos, com riso, ela dizia: “*o desejo ama pisar na grama*”. O desejo, como esfera da singularidade, faz o sujeito agir na contravenção. Assim procedendo o sujeito-do-desejo não pulveriza-se como apenas coisa do Estado. O desejo ama pisar na grama, razão pela qual, quase sempre, contrapõe-se ao bom-mocismo, aos bons gostos massificados, aos habitus-de-repartição. Prefere as bocadas mais que os púlpitos. Quando o desejo desiste de pisar na grama é porque o sujeito-do-desejo encontra-se envolvido em grau máximo de alienação social. Como diz a professora Marcia Pelá [UNIFAN-GO], já não é mais vida, mas apenas norma. O filósofo e psicanalista Peter Pelbart diria: “*esse sujeito, nessa condição, perdeu a interioridade, tornou-se cifra rasa e superficial de um negócio espúrio à própria carne*”. Pois bem!

Como pisaremos na grama da pós-graduação?

Como pisaremos na grama da Universidade atual?

A posição de Suely Rolnik frente ao debate interminável do desejo vem com firmeza: “*o desejo é político. Discutir o desejo supõe liberar a vida onde ela é prisioneira*”.

E já se dizia: a liberdade é insurgente, contraventora, transgressora. Mas precisa ter sentido, rumo, direção.

Pisar na grama só por pisar - e mostrar ao Outro que está se pisando só para mostrar - é egocentrismo, apenas egocentrismo, não é rock. Apenas uma rebeldia sem causa. Muito bem!

Como pisar na grama da pós-graduação com propósito transformador?

Lidamos, nós orientadores, com o humano com suas forças e com suas fraquezas, com seus desejos, os mais diversos, com suas potências clandestinas, infinitas.

É comum, muito comum, alguns orientados não aceitarem nenhuma interrogação sobre o que escrevem.

Muitos são pessoas de presteza nas lides acadêmicas e de inequívocos esteios éticos, contudo possuem medo de a interrogação do orientador fazer desmoronar a sua possível segurança; outros temem o que é necessário: uma breve desorganização; e outros, fundados no narcisismo infantil, defendem as suas posições como a criança defende pirulito de caramelo. Há os que obedientes, demasiadamente obedientes, travam o desejo, entregam a alma à repartição, à máquina: a universidade.

Muitos vivem situações emocionais difíceis, perdem parentes, separam da namorada ou do namorado, entram no túnel difícil da vida financeira, desconfiam que, definitivamente, não sabem fazer a gestão amorosa (a palestra sobre o amor vem depois).

Alguns veem a luz acesa, dizem: “*entrei na pós, é agora!*.” Determinados como um leão faminto refazem a pauta do trabalho, da rotina, dos hábitos, afirmam em solilóquio: “*deixem comigo, agora serei amigo de Drummond e de Cecília*.” Há, ao contrário, os que vivem procurando atalhos empreendidos pela lei do menor esforço. Veem apenas o aspecto institucional e as cifras de negociações, das aproximações e dos contatos, em nome exclusivamente da carreira. Não querem saber de vírgulas, reticências e interrogações, pois têm a cabeça estratégica. Vida afora lidei com orientados que não queriam sair do tema - e de alguns refrãos teóricos apreendidos anteriormente.

Tomados por obsessões indefensáveis se seguravam em axiomas cheios de teias de aranha. Nem mesmo as leituras feitas os removiam de sua posição de cimento. Mudar, de fato, gera medo. Medo todos temos. Mas enfrentar é a condição da mudança. O medo geralmente é apenas uma fantasia paranoica, depois de vencido é fácil descobrir a equação de Mário de Andrade: “*dificuldade é o que é maior que é; é aquilo que é menor que aparenta ser*.”

Quando estudava nos 1980 o livro Educação e Democracia, de Dermeval Saviani, tão importante no pensamento pedagógico brasileiro, insinuava a importância da catarse como esfera cognitiva do sujeito de aprendizagem. Era comum, nos 1980, em função das leituras e do ambiente político, haver crises fecundas nos sujeitos que entravam na universidade. Eu vinha de Trindade, por isso com o divino pai eterno no peito. De repente, a metade dos meus professores era ateu. Um misto de encanto e de espanto me seduzia. Passei por uma catarse silenciosa dada a timidez. Hoje compro batatas com o meu trabalho, e tenho uma vontade enorme de ser amigo de Cecília e Drummond. (Posso também em outra oportunidade ministrar-lhes uma palestra sobre o amor). Por falar nisso - e para retomar o papo do desejo e da necessidade de pisar na grama - nesta semana voltei às anotações feitas do livro Utopia e Paixão, do psicanalista Roberto Freire. Baseando-se em Wilhelm Reich, Freire considerou: “*o contrário de estar morto não é estar vivo, é estar apaixonado*.”

Ah, alguns orientados pisam na grama apaixonadamente; outros pisam em seu próprio calcanhar. E todos estamos aqui para melhorar. Não sei se vocês me entendem! ■■■



Pisar na grama, de Eguimar F. Chaveiro, foi o texto de animação do Grupo Dona Alzira, na reunião do dia 30/03/2019, em Goiânia/GO.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.